

HISTÓRIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA NOS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLARIDADE: O CASO DO GRUPO ESCOLAR LAURO MÜLLER¹

Piersandra Simão dos Santos
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
piersandrasimao@gmail.com

Dra. Cláudia Regina Flores
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
claugreginaflores@gmail.com

Dra. Joseane Pinto de Arruda
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
jarruda@ca.ufsc.br

Resumo:

Os grupos escolares instituídos no estado de Santa Catarina no início da década de 1911 ganharam expansão e notoriedade para a educação dos primeiros anos de escolaridade. Em particular, a fim de compreender como o ensino de matemática se instituiu como uma prática no Grupo Escolar Lauro Müller entre as décadas de 1950-1970 pauta-se na ideia da existência de alguns dispositivos disciplinares permeados nos grupos escolares que, por meio de relações sociais, políticas e econômicas que antecederam e estavam acontecendo na época, suportam e criam práticas para aprender e ensinar matemática na escola primária. Aqui, apresenta-se, portanto, os grupos escolares de Santa Catarina, com particular foco no Grupo Escolar Lauro Müller e, por fim, a delimitação da pesquisa que vem sendo desenvolvida.

Palavras-chave: História da Educação Matemática; Grupo Escolar; Santa Catarina; Dispositivos Disciplinares; Iniciação Matemática.

1. Introdução

A preocupação com a pesquisa histórica sobre o ensino de matemática no Brasil e o reconhecimento de sua importância para a história da educação matemática, conduziu-nos a pesquisar como o ensino de matemática (aritmética e geometria) se constituiu um saber no ensino primário do Grupo Escolar Lauro Müller. Acredita-se que pesquisar sobre como se deu o processo de escolarização² do ensino de matemática nos grupos escolares de Santa Catarina, mais especificamente no Grupo Escolar Lauro Müller, entre as décadas de 1950-

¹ Este trabalho é desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC e tem o apoio Bolsa Reuni para a realização de Mestrado.

² Escolarização é compreendida aqui como um processo de institucionalizar e naturalizar conceitos, conteúdos específicos e modos de praticá-los na escola.

1970, nos possibilitará compreender como certas práticas foram sendo instituídas ao ensino de matemática no passado. Contudo, convém destacar, que esta pesquisa não se interessa em explicar um presente por meio do passado. Ao contrário, o que se quer é saber como o ensino de aritmética e geometria tornou-se um saber nas salas de aula dos grupos escolares configurando o processo de escolarização do ensino de matemática.

Estudos³ situados no campo da história da educação matemática vêm contribuindo para problematizar e desnaturalizar heranças e crenças instauradas no passado ao ensino da matemática, como discute Valente (2010). Este mesmo autor defende que se os docentes mantiverem uma relação histórica com o seu passado eles tenderão a desenvolver melhor sua prática pedagógica (Idem).

Há também uma compreensão de que a história da educação matemática contribui para uma reflexão e redimensionamento de práticas atuais na escola primária. Neste contexto, os conteúdos de matemática, entre eles, a aritmética e a geometria podem se constituir como um ponto de interesse de pesquisa, uma vez que a nomeação deles, ou sua prática, envolvem diversas questões, entre elas, a formação docente.

Com o propósito de melhor compreendermos como o ensino de matemática (aritmética e geometria) se tornou um saber nas salas de aulas do Grupo Escolar Lauro Müller foi realizado inicialmente um levantamento histórico sobre a implantação dos grupos escolares em Santa Catarina. Em seguida a este levantamento, busca-se saber como o ensino da matemática no grupo escolar dialoga também com alguns dispositivos escolares, instituídos no referido período. Entendendo-se aqui, dispositivos como “um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, leis, medidas administrativas, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares e enunciados científicos” (FOUCAULT, 2011, p. 244).

2. A história...

Falar de história, muitas vezes, nos remete ao passado. Um passado que nem sempre está tão distante se comparado com outras histórias, como é o caso da implantação dos grupos escolares no estado de Santa Catarina. Uma história de pouco mais de cem anos que nos faz pensar sobre as relações envolvidas na implantação dos chamados grupos escolares, onde muitas destas relações podem estar presentes nas escolas de hoje.

³ Pode-se citar os estudos realizados pelo GECEM – Grupo de Estudos Contemporâneos e Educação Matemática, pautados na História da Educação Matemática, como o de Arruda (2011) e Machado (2012).

Porém, interpretar e escrever sobre um passado requer atenção. Atenção para que a história seja contada como possivelmente aconteceu. Para Albuquerque Júnior (2007, p. 171), “interpretar o passado é dar vida as possíveis figuras, é recontá-lo, revivê-lo, encarnando-o em seus possíveis rostos, em suas possíveis gesticulações, em seus diferentes disfarces e com suas inúmeras astúcias.”

A matemática escolar e a maneira de ensiná-la no ensino primário está carregada de histórias, que podem ser problematizadas por meio de leis, decretos, imagens e memórias, que podem ser associadas a dispositivos disciplinares que atuam como regras colocadas por um exercício de poder (FOUCAULT, 2011).

Os documentos para Albuquerque Júnior (2007, p. 25) também podem ser vistos como “formas de enunciação e, portanto, de construção de evidências ou de realidades” logo, os documentos do passado são produzidos devidos aos fatos decorrentes da época, derivando de operações políticas e de sentido cultural e social.

Na possibilidade de dar vida a história dos grupos escolares em Santa Catarina, em especial ao Grupo Escolar Lauro Müller é que este diálogo se desenrola.

3. Os grupos escolares em Santa Catarina...

Para se compreender alguns processos do ensino de matemática em uma determinada época, é importante também entender alguns movimentos que antecederam algumas propostas. No caso deste ensaio, portanto, busca-se primeiramente compreender os movimentos da implantação dos grupos escolares no estado catarinense para, em seguida, envolvermos a história do Grupo Escolar Lauro Müller, buscando indícios de como eram abordados os saberes matemáticos nessa instituição.

Em 1910 no governo de Vidal Ramos, deu-se início no estado de Santa Catarina a reestruturação na instrução pública, sendo a mesma, promovida por Orestes Guimarães. Esse professor paulista, contratado pelo estado catarinense, iniciou seus trabalhos em 1906 e depois foi nomeado como Inspetor Geral da Instrução Pública, a partir de 1910.

Ficando conhecida como Reforma Orestes Guimarães, a reestruturação da instrução pública reformou a Escola Normal Catarinense e as escolas isoladas, implantou as escolas reunidas, as escolas complementares e os primeiros grupos escolares de Santa Catarina, bem como desenhou profundamente a Diretoria Geral da Instrução Pública (TEIVE e DALLABRIDA, 2011).

Com a Reforma Orestes Guimarães o estado de Santa Catarina recebeu os primeiros grupos escolares, localizados nos grandes centros urbanos e nas principais cidades catarinenses tendo como uma base forte os grupos escolares dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Os grupos escolares deveriam ser criados de preferência nas sedes urbanas dos municípios que auxiliassem o governo doando o terreno apropriado para a construção ou doando um prédio adaptado ou susceptível de adaptação adequada ao funcionamento de tais estabelecimentos (SANTA CATARINA, n. 794).

Tal implantação dos grupos escolares permitiu algumas inovações no ensino primário, entre elas, podemos citar as séries graduadas, segundo Prochnow e Teive (2006),

[...] as crianças deveriam ser divididas conforme a faixa etária, o sexo e o nível de desenvolvimento mental, a alfabetização deveria ser realizada segundo o método analítico ou da palavração, as disciplinas escolares deveriam ter caráter educativo e instrutivo e os conteúdos deveriam ser relacionados segundo o princípio da utilidade e postos em prática através das lições de coisas, deveriam ser incluídas aulas de ginástica e de higiene, excursões pedagógicas, festas cívicas e, ao invés da prática de memorização e do verbalismo, defendia-se a necessidade imperiosa de compreensão pela criança, tal como ditava a pedagogia moderna (PROCHNOW; TEIVE, 2006, p. 03-04).

Dentre os objetivos de um grupo escolar, estava o de formar o cidadão patriota, higiênico, prático, útil a pátria, que respeita as leis, e ama a pátria, confiando no progresso social e científico (PROCHNOW e TEIVE, 2006). Para que os objetivos fossem alcançados, os grupos escolares seguiam rigorosamente as leis e decretos estabelecidos para o seu funcionamento, além de possuírem um conjunto de recursos didático pedagógico em cada unidade, sendo os mesmos, explorados pelos professores em sala.

Com a implantação dos grupos escolares foram apresentados novos dispositivos⁴ disciplinares no ensino primário, como o controle cronológico das aulas, realização de exames regulares, premiação para os melhores alunos tanto em nota como em comportamento, além do espaço panóptico. Segundo Foucault (2011), o espaço panóptico tem a função de controlar e vigiar os movimentos de um indivíduo, permitindo estabelecer diferenças entre crianças, operários e doentes. No caso das crianças, por exemplo, é possível, “anotar os desempenhos [...], perceber as aptidões, apreciar os caracteres, estabelecer classificações rigorosas e, em relação a uma evolução normal, distinguir o que é preguiça e teimosia do que é imbecilidade incurável” (FOUCAULT, 2011, p. 193).

Dentre outros dispositivos disciplinares presentes nos grupos escolares ainda se destacam a avaliação dos alunos dentro e fora da sala de aula, inclusive no intervalo

⁴ Os dispositivos disciplinares apresentam como objetivos fabricar corpos dóceis, capazes de serem manipulados, moldados, treinados, corpos obedientes e hábeis (FOUCAULT, 2011).

(recreio). Outro dispositivo disciplinar também encontrado nos grupos escolares era o Livro de Honra, onde o mesmo registrava de forma solene os alunos que eram destaques no cotidiano escolar. Contrapondo com o Livro de Honra existia o Livro Negro, onde registravam-se os nomes e as penas dos alunos mais indisciplinados (TEIVE e DALLABRIDA, 2011).

O regime de poder disciplinar produz saberes que estrategicamente vai servir de mecanismo para moldar o comportamento dos indivíduos. Desse modo, os espaços a serem construídos são determinados por modelos que possibilitam o vigiar dos indivíduos para controlá-los e para discipliná-los (FOUCAULT, 2011).

Um outro artefato que também foi pensado como dispositivo disciplinar na época, eram os boletins, onde se tinha o registro individual de cada aluno, notas mensais, faltas, saídas antecipadas, comportamento, notas de exames, fruto da avaliação constante colocada em movimento pelo professor (Idem). O professor tinha como principal missão educar “*physica, moral e intellectualmente de acordo com os respectivos programmas*” (SANTA CATARINA, n. 794).

O Curso Primário Elementar (escolas isoladas, escolas reunidas e grupos escolares) seguia o mesmo programa de ensino em todo o estado. No ano de 1946, no dia 18 de novembro, o governo catarinense expediu um novo programa para os estabelecimentos do ensino primário no Estado de Santa Catarina, o Decreto n. 3.732. Neste decreto, os conteúdos de cada matéria foram listados, bem como objetivos do ensino, sumário da matéria e sugestões práticas de ensino.

Voltando para o ensino de matemática, foi constatado que o Programa de Iniciação Matemática para o grupo escolar estava dividido em: 1ª. série, 2ª. série, 3ª. série e 4ª. série. O sumário da matéria na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série estava dividido em:

Sumário da matéria “Iniciação Matemática”

<i>1ª Série</i>	<i>2ª Série</i>	<i>3ª Série</i>	<i>4ª. Série</i>
1.Aritmética: - Numeração - Moedas	1.Aritmética: - Numeração -Operações	1.Aritmética: - Numeração -Operações	1.Aritmética: - Numeração -Operações
2.Geometria	Fundamentais	Fundamentais	Fundamentais e
3.Problemas e	- Frações	- Frações	Potenciação

exercícios	-Unidades de Medida - Moedas 2.Geometria 3.Problemas e exercícios	-Unidades de Medida - Sistema Monetário Brasileiro 2.Geometria 3.Problemas e exercícios	- Propriedades dos Números - Frações -Unidades de Medida 2.Geometria 3.Problemas e exercícios
------------	--	---	--

Fonte: SANTA CATARINA, 1946, p. 11-15 apud Arruda; Brigo; Flores, 2010, p. 129.

Nas sugestões práticas de cada série era salientado que não deveria ser esquecida a indispensável correlação da aritmética e geometria com as demais matérias, que dão ensejo à aquisição de conhecimentos úteis, um dos exemplos expostos ao professor era a aula de desenho, onde o traçado da Bandeira Nacional e o escudo deveriam motivar o aluno no estudo do retângulo, losango e da circunferência. A linguagem também ganhava destaque, tendo como um dos exemplos habituar o aluno a usar a nomenclatura exata dos termos das operações (SANTA CATARINA, n. 3.732).

Um outro exemplo exposto ao professor era sobre o ensino da tabuada, o mesmo ensino, também deveria contar como auxílio de palitos, arranjando-se em grupos iguais, para que as crianças descobrissem os resultados e explicassem oralmente o trabalho feito, aprendendo a representar numericamente a respectiva tabuada de multiplicar exercitando também na operação de dividir (SANTA CATARINA, n. 3.732).

Um exemplo exposto ao professor que lecionaria no 2º ano, era a tabuada do número 4:

III	1 grupo de 4 = 4	$1 \times 4 = 4$	4 tem 1 4
III III	2 grupo de 4 são 8	$2 \times 4 = 8$	8 tem 2 4
III III III	3 grupo de 4 são 12	$3 \times 4 = 12$	12 tem 3 4
III III III III	4 grupo de 4 são 16	$4 \times 4 = 16$	16 tem 4 4

O professor precisava explorar a tabuada por meios que “facilitem e amenizem a memorização árida e ingrata das taboadas, que somente estarão bem sabidas, quando conseguirem repetí-las automaticamente, sem pensar nem contar” (SANTA CATARINA, n. 3.732, 1946, p. 16).

No programa de Iniciação Matemática, a aritmética era a parte da disciplina que apresentava mais conteúdos a ser ensinados, dando destaque para a Numeração e as Quatro Operações Fundamentais. Os programas dos grupos escolares catarinenses eram organizados conforme o método de ensino intuitivo, onde o mesmo, ressalta a aprendizagem através da observação direta das coisas, onde o aluno deve ver, sentir e tocar os objetos. O ensino deveria partir do simples para o complexo, do concreto para o abstrato, das ideias para as palavras, do conhecido para o desconhecido, os saberes e as práticas eram selecionados e organizados de acordo com a abordagem indutiva (TEIVE e DALLABRIDA, 2011). Nesse sentido, o Decreto n. 3.732, no Programa de Iniciação Matemática na parte onde eram feitas as indicações de cada série, salientava-se que o ensino deveria ser intuitivo e prático, por exemplo, o ensino da formação dos números na 2ª. série, o mesmo deveria ser por meio do contador-mecânico, de tórnos ou de palitos, de maneira que aprendam, intuitivamente o princípio fundamental da numeração (Idem, p. 16).

O ensino da matemática era, então, explorado por meio da observação e manipulação de objetos, como também, a realização de atividades envolvendo recorte e colagem.

O programa de Iniciação Matemática na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série apresentava como objetivos de ensino:

Objetivos do Ensino da “Iniciação Matemática”

<i>1ª Série</i>	<i>2ª Série</i>	<i>3ª Série</i>	<i>4ª Série</i>
1. Corrigir e ampliar os conhecimentos que a criança possui a respeito de dimensões, forma e posição dos objetos; 2. Iniciá-la na técnica das operações fundamentais, habituando-a a efetuar os cálculos com exatidão e	1. Consolidar e ampliar as noções adquiridas na 1ª série pela criança, para efetuar cálculos com exatidão e maior embaraço; 2. Iniciá-lo no estudo da fração; 3. Familiarizá-la com os cálculos sobre a moeda brasileira;	1. Levar a criança a consolidar e ampliar as noções adquiridas nas séries anteriores; 2. Conduzi-la a efetuar, com segurança e rapidez, as quatro operações com inteiros e decimais; 3. Familiarizá-la com as medidas de	1. Consolidar e ampliar os conhecimentos e as técnicas adquiridas nas séries anteriores; 2. Desenvolver na criança a capacidade de resolver problemas ligados às exigências da vida prática; 3. Proporcionar

<p>rapidez compatível com o seu desenvolvimento e na análise de problemas simples, relacionados com as experiências de sua vida infantil.</p>	<p>4. Desenvolver-lhe a capacidade de resolver problemas reais.</p>	<p>comprimento, massa, capacidade, tempo e moeda brasileira; 4. Desenvolver-lhe a capacidade de resolver problemas de utilidade imediata.</p>	<p>elementos que facilitem à realização de cálculos, aos trabalhos manuais e às atividades das cooperativas, clubes agrícolas e centros de pesca; 4.Orientar por meio de exercícios questões relacionadas com a vida econômica e profissional do País.</p>
---	---	---	--

Fonte: SANTA CATARINA, 1946, p. 10-14 apud Arruda; Brigo; Flores, 2010, p. 125.

A matemática no programa dos grupos escolares era vista como uma disciplina útil e educativa, sendo que no curso primário, o professor deveria abondar, por completo, o ensino teórico e abstrato, para torná-lo concreto e experimental, procurando estabelecer estreita relação entre o que a escola ensina e na vida se pratica (SANTA CATARINA, n. 3.732). Muitas das práticas e regularidades que fizeram parte do dia a dia dos grupos escolares implantados em Santa Catarina, talvez possam ainda ser evidenciadas até hoje nas escolas catarinenses.

É importante salientar, que esse processo de escolarização do ensino de matemática foi construído e desencadeado em uma cultura escolar. Sobre a ideia de cultura escolar, Viñao Frago (2007), define como: “[...] um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, modelos, rituais, sedimentados ao longo do tempo em forma de tradição, regularidades e formas de jogo não interdidas” (FRAGO, 2007, p. 87).

4. O Grupo Escolar Lauro Müller...



Imagem (1) - Grupo Escolar Lauro Müller – década de 1910.

Fonte: Acervo Iconográfico de José A. Boiteux apud TEIVE; DALLABRIDA, 2011, p. 38.

O Grupo Escolar Lauro Müller (imagem 1) constitui-se como uma instituição educacional que apresenta mais de cem anos de história e contribuição para o ensino de Santa Catarina. Inaugurado no dia 24 de maio de 1912, o mesmo, foi o primeiro grupo escolar implantado na cidade de Florianópolis e a escola modelo da Reforma Orestes Guimarães. A festa de sua inauguração, em 1912, foi um acontecimento grandioso que reuniu o governador Vidal Ramos, o Inspetor Geral do Ensino, o professor Orestes Guimarães, e as principais autoridades estaduais e locais. Esse dia foi escolhido pelo governador do estado de Santa Catarina porque era o aniversário da Batalha de Tuiti – o maior combate da Guerra do Paraguai, vencido pelos aliados. Sua denominação foi uma homenagem a Lauro Severiano Müller, o primeiro governador de Santa Catarina e o político catarinense com maior prestígio, em nível federal, durante a Primeira República (TEIVE e DALLABRIDA, 2011).

O prédio estava localizado no centro de Florianópolis, a tipologia dos primeiros grupos escolares caracterizava-se por um pátio central quadrado, ao redor do qual distribuía-se os demais espaços, a escola se constituía por três grandes edificações que podemos considerar luxuosas se comparadas com as outras escolas da época (imagem 1).

Um conjunto harmonioso e espaçoso que pela localização em destaque, mostra-nos a sua importância perante a sociedade.

Todo o seu material e a sua mobília foram pensados para que os mesmos servissem de modelo para os demais grupos escolares que foram implantados posteriormente no estado (TEIVE e DALLABRIDA, 2011). O estabelecimento contava com amplas e luminosas salas de aula, mobiliário importado, carteiras duplas, laboratório de física e química, museu escolar, quadros parietais e materiais didáticos considerados indispensáveis à prática do novo método (intuitivo), que visava se difundir nos grupos escolares.

Um exemplo de como o Grupo Escolar Lauro Müller tornava-se importante para sociedade da época pode ser observada na imagem abaixo.



Imagem (2)

A imagem (2), nos faz pensar em alguma comemoração na escola, onde as relações de poder são sutis, porém marcantes. As autoridades tomam o lugar mais alto, impondo vigilância e poder, enquanto os alunos estão enfileirados abaixo, fazendo-nos pensar na submissão dos mesmos. Além das autoridades e dos alunos também se fazem presentes as professoras e os pais. Observamos também que todos os alunos estão devidamente uniformizados, em fila e parecendo mostrarem-se em postura de repeto.

Voltando o nosso olhar para o ensino de matemática, particularmente, para o ensino de matemática no Grupo Escolar Lauro Müller no período de 1950 a 1970, pode-se

associar a presença das diretrizes do decreto n. 3.732 de 18.11.1946. No caso, provavelmente, a ideia de um ensino intuitivo, prático e útil no cotidiano dos alunos. E ainda, nos conteúdos listados para serem ensinados, a ênfase para o ensino de aritmética.

5. Uma breve demarcação da pesquisa: à guisa de conclusões

Diante do que foi apresentado, pode-se compreender que o modelo republicano de sociedade que instituiu os grupos escolares no estado catarinense, tinha como intuito a inovação e a qualidade. Os grupos escolares adquiriram especificidades próprias, como a sua arquitetura, os materiais utilizados para favorecerem o ensino intuitivo, os alunos divididos por séries, a atuação dos profissionais que trabalhavam em cada instituição, entre outros.

Os traços da cultura escolar instituída pela Reforma Orestes Guimarães nos grupos escolares teve início em 1910 permanecendo até 1970 como, por exemplo, a metodologia pautada no ensino intuitivo e os conteúdos de matemática. Além dos conteúdos, alguns dos dispositivos disciplinares criados para serem cumpridos nos grupos escolares, que parecem perdurar ainda hoje em muitas escolas, também se configuram como aspectos que provavelmente influenciaram um modo de ensinar matemática no ensino primário da época, como a divisão em séries e os horários estabelecidos de cada aula.

O Grupo Escolar Lauro Müller assim como os demais grupos escolares instituídos no estado, foi marcado por leis, decretos e normas estabelecidas na época. Particularmente, as diretrizes do decreto de 1946, dão condições de estabelecimento de um ensino de matemática. Tais diretrizes entendidas como um dispositivo poderão ser analisadas para compreender que condições de possibilidade, que forças de poder são empregadas para se gerar práticas de ensinar e aprender matemática. Neste sentido, o que dá fundamentação ao projeto de mestrado ora apresentado, é a ideia de que dispositivos disciplinares se fizeram circular nos grupos escolares, fixando os limites de um ensino de matemática. Dito de outra forma, como Foucault (2011), fixando os limites de um jogo de uma identidade, sob a forma de uma reatualização permanente de regras.

Por fim, cabe dizer, que esta é uma pesquisa em andamento, que busca contribuir para compreender como práticas escolares da matemática no início da escolarização foram sendo instauradas. Ainda, na sequência desta pesquisa e como estratégia metodológica, buscar-se-á realizar entrevistas com ex-professores e ex-alunos do Grupo Escolar Lauro

Müller, durante as décadas de 1950 – 1970, para ampliar ainda mais o conhecimento de práticas de modos de ensinar e aprender matemática.

6. Referencias Bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ARRUDA, J. P. de; BRIGO, J.; FLORES, C. R. ARRUDA, J. P. et al *A Matemática nos Programas Oficiais para o Ensino Primário de Santa Catarina*. In: ARRUDA, J. P. de; FLORES, C. R. *A Matemática Moderna nas Escolas do Brasil e Portugal*. São Paulo: Annablume 2010, p. 117 – 141.

BRASIL. Decreto n. 3.732, de 18.11.1946. Dispõe sobre os Programas para os estabelecimentos de ensino primário no Estado de Santa Catarina. Secretária de Educação e Cultura, Diretoria de Ensino, Estado de Santa Catarina.

_____. Decreto n. 794, de 02.05.1914. Dispõe sobre o Regulamento Geral da Instrução Pública. Secretária de Educação e Cultura. Santa Catarina.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História. Tradução: Maria de Lourdes Menezes*. Rio de Janeiro, Forense, 2011.

FLORES, C. R. *A matemática escolar nos níveis iniciais de ensino em perspectiva histórica*. I ENAPHEM. Vitória da Conquista, BA, 2012.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 39. Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.

_____. *Microfísica do Poder*. 4ª edição. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FRAGO, A. V. *Sistemas educativos, culturas escolares e reformas*. Tradução: Manuel Alberto Vieira. Edições Pedagogo, LDA. Portugal. 2007.

GARNICA, A. V. M. *Analisando Imagens: um ensaio sobre a criação de fontes narrativas para compreender os Grupos Escolares*. Bolema, Rio Claro, SP, v.23, n°35ª, p.75 a 100, abril, 2010.

MARCELLO, F. A. *O Conceito de Dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos maternos*. Educação e Realidade, 29(1): 199-213 jan/jun 2004.

PROCHNOW, D. P.; TEIVE, G. M. G. *As Lições dos Grupos Escolares: um estudo sobre a incorporação do método de ensino intuitivo na cultura escolar dos primeiros grupos escolares florianopolitanos (1911-1935)*. 2006.

TEIVE, G. M. G.; DALLABRIDA, N. *A Escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)*. Campinas, SP, Mercado de Letras, 2011.

SILVA, V. L. G. *Vitrines da República: os Grupos Escolares em Santa Catarina (1889-1930)*. In: VIDAL, Diana G. (Org.). *Grupos Escolares: Cultura Escolar Primária e Escolarização da Infância no Brasil (1893-1971)*. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

VALENTE, W. R. *História da educação matemática: considerações sobre suas potencialidades na formação do professor de matemática*. Bolema, Rio Claro – São Paulo, v.23, n.35^a, p.123 a 136, abril de 2010.

_____. *História da Educação Matemática: interrogações metodológicas*. REVEMAT: Revista Eletrônica de Educação Matemática, Florianópolis, v.2, n.2, 2007, p. 28-49.